

PERIÓDICO DE GEOPOLÍTICA E OCEANOPOLÍTICA

BOLETIM GEOCORRENTE

ISSN 2446-7014



**Porto Rico: entre o poder naval dos
EUA e o anseio por soberania**

ESTE E OUTROS 11 ARTIGOS NESTA EDIÇÃO

BOLETIM GEOCORRENTE

Nº 221 • 17 de Outubro de 2025

O Boletim Geocorrente é uma publicação quinzenal do Núcleo de Avaliação da Conjuntura (NAC), vinculado à Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação (SPP) da Escola de Guerra Naval (EGN). O NAC acompanha a Conjuntura Internacional sob o olhar teórico da Geopolítica e da Oceanopolítica, a fim de fornecer mais uma alternativa para a demanda global de informação, tornando-a acessível e integrando a sociedade aos temas de segurança e defesa. Além disso, proporciona a difusão do conhecimento sobre crises e conflitos internacionais procurando corresponder às demandas do Estado-Maior da Armada.

O Boletim tem como finalidade a publicação de artigos compactos tratando de assuntos atuais de dez macrorregiões do globo, a saber: América do Sul; América do Norte e Central; África Subsaariana; Oriente Médio e Norte da África; Europa; Rússia e ex-URSS; Sul da Ásia; Leste Asiático; Sudeste Asiático e Oceania; Ártico e Antártica. Além disso, conta com a seção "Temas Especiais", tratando sobre assuntos latentes das relações internacionais.

O grupo de pesquisa ligado ao Boletim conta com integrantes de diversas áreas do conhecimento, cuja pluralidade de formações e experiências proporcionam uma análise ampla da conjuntura e dos problemas correntes internacionais. Assim, procura-se identificar os elementos agravantes, motivadores e contribuintes para a escalada de conflitos e crises em andamento, bem como seus desdobramentos.

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Para publicar nesse Boletim, faz-se necessário que o autor seja pesquisador do Grupo de Geopolítica Corrente, do NAC e submeta seu artigo contendo até 400 palavras ao processo avaliativo por pares.

Os textos contidos neste Boletim são de responsabilidade exclusiva dos autores, não retratando a opinião oficial da EGN ou da Marinha do Brasil.

A publicação integral de qualquer artigo deste Boletim somente poderá ser feita citando expressamente autor e fonte, e colocando o link de redirecionamento para o artigo original.

Capa: [Fragata USS "San Antonio" da Marinha dos EUA](#)

Por: Sargento Allison Bak

Fonte: Flickr

CONSELHO EDITORIAL

DIRETOR DA EGN

Contra-Almirante Gustavo Leite Cypriano Neves

SUPERINTENDENTE DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO DA EGN

Contra-Almirante (RM1) José Luiz Ferreira Canela

EDITOR CHEFE

Capitão de Mar e Guerra (RM1) Leonardo F. de Mattos (EGN)

EDITOR CIENTÍFICO

Capitão de Mar e Guerra (RM1) William de Sousa Moreira (EGN)

EDITORES ADJUNTOS

Jéssica Germano de Lima Silva (EGN)

Noele de Freitas Peigo (Facamp)

Thayná Fernandes Alves Ribeiro (EGN)

Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)

COORDENAÇÃO DE PESQUISA

Pedro Nobre Vecchia (UFRJ)

DIAGRAMAÇÃO E DESIGN GRÁFICO

Kenzo Brites Yamaguti (UFRJ)

REVISÃO E TRADUÇÃO

Mancy Mylene Soares Sant'Ana (UFRJ)

CORRESPONDÊNCIA

Escola de Guerra Naval – Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação.

Av. Pasteur, 480 - Praia Vermelha – Urca – CEP 22290-255 - Rio de Janeiro/RJ - Brasil

TEL.: (21) 2546-9351 | E-mail: geocorrentenac@gmail.com

Esta e as demais edições do Boletim Geocorrente, em português e inglês, poderão ser encontradas na [home page da EGN](#) e em nossa [pasta do Google Drive](#).

O NAC também está no [LinkedIn](#), acompanhem nossas postagens.



ÁFRICA SUBSAARIANA

Franco Napoleão A. de Alencastro Guimarães (PUC-Rio)
Gabriel Francisco Castro Aguiar (UFRJ)
José Ricardo de Oliveira Araujo (UFRJ)
Kenzo Brites Yamaguti (UFRJ)
Luísa Barbosa Azevedo (UERJ)
Rafaela Marinho Gonzalez Machado (UFRJ)
Vanessa Passos Bandeira de Sousa (UERJ)

AMÉRICA DO SUL

Bruna da Silveira Eloy (UFRJ)
Fernanda Carvalho Calado Coutinho (UFF)
Gabriel Augusto Almeida da Silva (UFRJ)
Guilherme Demmer Knippenberg (UFSC)
Luciano Veneu Terra (UFF)
Maria Fernanda Santos Kerr (UERJ)
Matheus Moreira Alves (UERJ)
Pedro Emiliano Kilson Ferreira (Univ. de Santiago)

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

Julia Santos Soares (UFRJ)
Kaíke Ferreira Mota (UFRJ)
Taynah Pires Ferreira (UFF)
Rafael de Oliveira Maciel (UnB)
Victor Eduardo Kalil Gaspar Filho (EGN)
Yasmim Abril Monteiro Reis (San Tiago Dantas)

ÁRTICO & ANTÁRTICA

Gabriele Marina Molina Hernandez (UFF)
Letícia Caroline da Luz (EGN)
Nathália Magalhães Macedo (UFRJ)

EUROPA

Amanda Maciel Fraga Montoiro (UFRJ)
Emerson Luiz Bento dos Santos (UFRJ)
Guilherme Francisco Pagliares de Carvalho (UFF)
Lucas Salles Python Macedo (UFRJ)
Millene Sousa dos Santos (UFRJ)
Rafaela Caporazzo de Faria (UFRJ)

LESTE ASIÁTICO

Julia Monteiro Mello Fróes e Silva (Unilasalle-RJ)
Maria Carvalho Pinto Puccetti (UFRJ)
Maria Eduarda Araújo Castanho Parracho (UERJ)
Nina de Almeida Bonifacio Pereira (UERJ)
Philippe Alexandre Junqueira (UERJ)
Rodrigo Abreu de Barcellos Ribeiro (UFSC)
Thomas Dias Placido (UFSC)

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

Eduardo El-Hader Fantini (UERJ)
João Gabriel Fischer Morais Rego (ECEME)
Maria Clara Vieira Schneider Vianna (UFRJ)
Melissa Rossi (Suffolk University)
Pedro Nobre Vecchia (UFRJ)
Vitória de França Fernandes (UNIRIO)

RÚSSIA & EX-URSS

Anna Laura Silveira Lengruber (UFRJ)
Gastão Menescal Carneiro Neto (Unilasalle - RJ)
José Gabriel de Melo Pires (ECEME)
Luiza Gomes Guitarrari (UFRJ)
Pedro Mendes Martins (ECEME)
Pérsio Glória de Paula (Saint Petersburg University)
Rafael Esteves Gomes (UFRJ)

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

Guilherme de Oliveira Carneiro (FGV)
Marcelle Torres Alves Okuno (UERJ)
Maria Gabriela Veloso Camelo (PUC-Rio)
Matheus Bruno Ferreira Alves Pereira (UFRJ)
Rafael Prisco Cabral (UFRJ)
Thayná Fernandes Alves Ribeiro (EGN)

SUL DA ÁSIA

Eduardo Araújo Mangueira (PUC-Rio)
Gabriel Paradela Heil (UFRJ)
Gabriela Siqueira Duarte dos Santos (UFRJ)
Lucas Mitidieri Oliveira Mendes (Paris Nanterre)
Maria Fernanda Császár Lima Ferreira (UFRJ)

TEMAS ESPECIAIS

Gabriel Mendes Andrade (UERJ)
João Victor Marques Cardoso (UNIRIO)
Maria Elena Andrade Barbosa (EFOMM)
Raquel Torrecilha Spiri (UNESP)



SUMÁRIO

AMÉRICA DO SUL

Corredor Bioceânico Brasil-Peru: de Ilhéus a Chancay5

AMÉRICA DO NORTE & CENTRAL

Porto Rico: entre o poder naval dos EUA e o anseio por soberania6

ÁFRICA SUBSAARIANA

A Grande Represa do Renascimento Etíope e o paradigma moderno da segurança hídrica7

Um ano de cooperação europeia e resiliência militar em Moçambique8

EUROPA

Uma política francesa polarizada: o que esperar do futuro?9

ORIENTE MÉDIO & NORTE DA ÁFRICA

A proposta de paz de Trump para Gaza e seus resultados 10

RÚSSIA & Ex-URSS

Minas e caça-minas: ameaças à navegação no Mar Negro 11

LESTE ASIÁTICO

Novos submarinos não-tripulados "XXL" no Mar do Sul da China: inovações e implicações 12

SUL DA ÁSIA

Sir Creek: reflexos da Operação "Sindoor" 13

O Nepal e a segurança energética Sul-Asiática: perspectivas de integração regional 14

SUDESTE ASIÁTICO & OCEANIA

Indonésia e os crescentes investimentos em Defesa 15

ÁRTICO & ANTÁRTICA

O tabuleiro Ártico: a nova rota "Expresso Ártico China-Europa" e a disputa pelo poder marítimo 16

Artigos Seleccionados & Notícias de Defesa 17

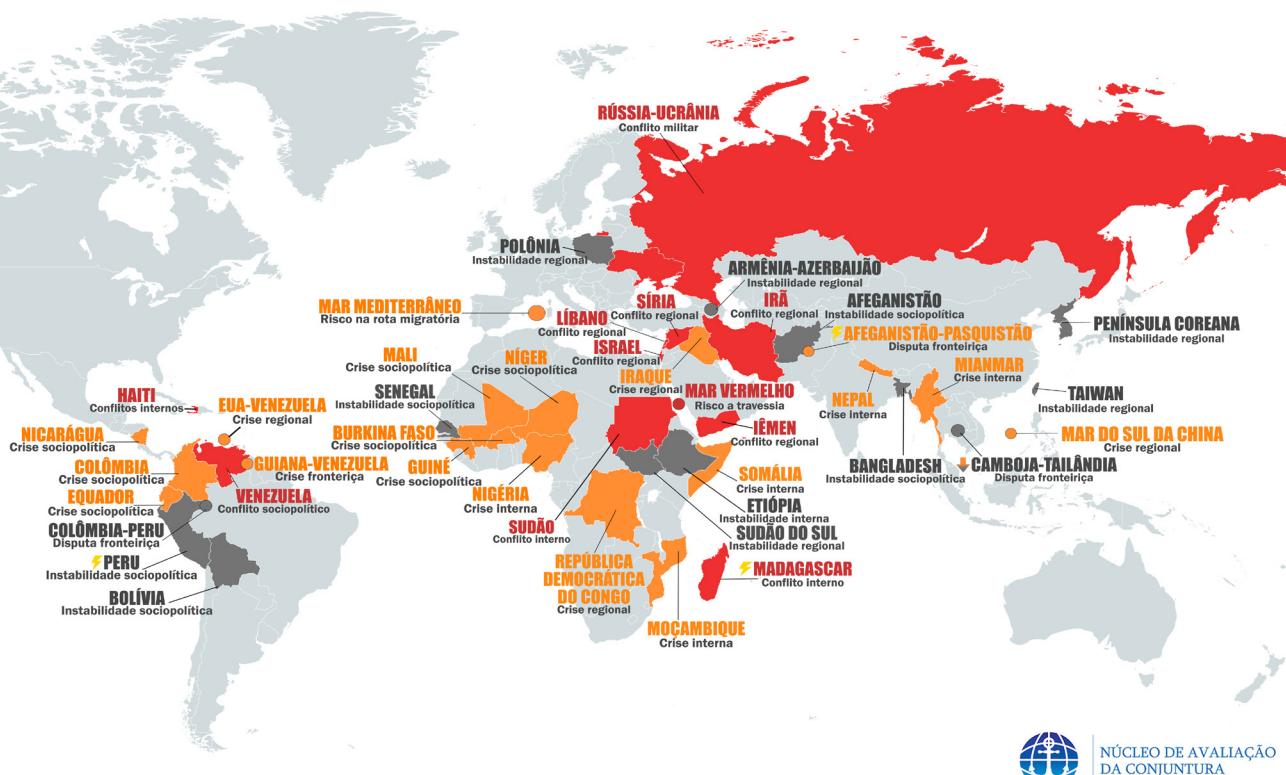
Calendário Geocorrente 17

Referências 18

Mapa de Riscos 19

PRINCIPAIS RISCOS GLOBAIS

Por: Matheus Moreira



Para mais informações acerca dos critérios utilizados, acesse a página 19

Corredor Bioceânico Brasil-Peru: de Ilhéus a Chancay

Fernanda Calado e Taynah Pires

O Corredor Bioceânico Brasil-Peru visa à integração dos oceanos Atlântico e Pacífico, por meio de infraestrutura rodoviária e ferroviária no continente sul-americano ([Boletim 216](#)). Para tanto, em julho de 2025, foi assinado um memorando de entendimento entre o Brasil e a China envolvendo as empresas Infra S.A., vinculada ao Ministério dos Transportes, e o Instituto de Pesquisa e Planejamento Econômico Ferroviário da China (China Railway Economic and Planning Research Institute) a fim de desenvolver estudos técnicos para a construção do corredor ferroviário brasileiro. Desse modo, a expansão da malha ferroviária leste-oeste enfatiza o caráter multimodal do sistema de transportes, aproveitando as infraestruturas e projetos previamente existentes no país. Diante disso, indaga-se: quais são as vantagens e os possíveis tensionamentos decorrentes da construção do Corredor Bioceânico Brasil-Peru?

A integração *coast-to-coast* (“de costa a costa”) já esteve presente em outros momentos da geopolítica brasileira. O geopolítico Mário Travassos, na primeira metade do século XX, afirmava que os Estados buscavam saída para o mar e, se possível, para mares diferentes — vertentes bioceânicas. Nos anos 2000, a Iniciativa para a Integração da Infraestrutura Regional Sul-Americana (IIRSA) previa a construção do Eixo Bioceânico, que ligaria o Atlântico ao Pacífico. Assim, o novo Programa de Aceleração de Crescimento (PAC), do Governo Federal, pretende viabilizar uma rota alternativa para o Oceano Pacífico, reduzindo custos logísticos, aumentando a competitividade, diversificando rotas de exportação, impulsionando o

desenvolvimento da infraestrutura nacional, além de gerar empregos e facilitar o escoamento da produção agrícola do Centro-Oeste brasileiro para os mercados asiáticos, expandindo portanto, as exportações.

No entanto, cabe pontuar as possíveis tensões provenientes da nova via comercial. A China tem se consolidado como um ator relevante no desenvolvimento de projetos de infraestrutura na América Central e do Sul. Por conseguinte, observa-se um rearranjo nas dinâmicas geopolíticas do subcontinente, com os Estados sul-americanos inclinando-se a firmar acordos estratégicos com a nação asiática. Os Estados Unidos da América, todavia, opõem-se à ampliação da presença chinesa em seus espaços tradicionais de influência, o que pode gerar constrangimentos políticos e econômicos aos países envolvidos no projeto. Ressaltam-se, ainda, os riscos associados ao empreendimento, uma vez que a magnitude do projeto depende de um aporte financeiro robusto e de estabilidade econômica, duas variáveis complexas no contexto regional.

Em síntese, compreende-se a importância do Corredor Bioceânico Brasil-Peru para a integração territorial e o fortalecimento do comércio regional, consolidando o papel da América do Sul — sobretudo do Brasil — enquanto *hub* estratégico para as trocas comerciais globais. Salienta-se, contudo, que os Estados envolvidos devem estar atentos aos potenciais pontos de tensão associados ao projeto e adotar medidas eficazes de mitigação de riscos, de modo a assegurar sua continuidade e êxito.



Porto Rico: entre o poder naval dos EUA e o anseio por soberania

Matheus Moreira

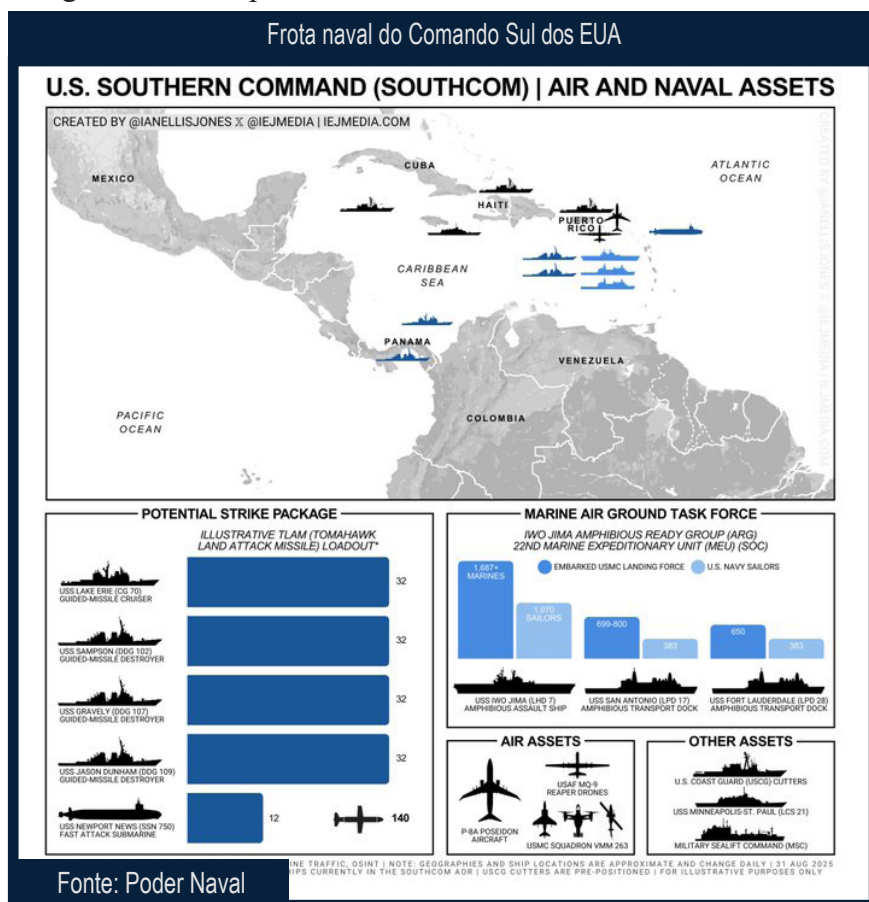
O Estado Livre Associado de Porto Rico é um território não incorporado dos Estados Unidos da América (EUA) desde 1952, o que garante à ilha um autogoverno limitado, enquanto áreas estratégicas — como Defesa e relações exteriores — permanecem sob controle direto de Washington. Historicamente, Porto Rico ocupou papel central na projeção do poder militar estadunidense no Caribe, posição retomada em 2025 diante das ofensivas dos EUA contra o narcotráfico venezuelano. A localização estratégica da ilha a tornou novamente um ponto-chave para as operações militares de Washington, o que reacendeu o desejo popular por autonomia plena. Diante desse cenário, questiona-se: de que maneira a mobilização militar dos EUA em Porto Rico se relaciona com o anseio por independência?

No início do século XXI, diversas bases navais dos EUA em Porto Rico foram desativadas, entre elas, a Roosevelt Roads, que, com 35 km², foi considerada uma das maiores instalações navais do mundo. A base abriga um porto de águas profundas, capaz de receber contratorpedeiros e navios de apoio logístico, além de possuir um aeródromo com pista de 3,3 km de extensão, apto à operação de grandes aeronaves. O encerramento dessas operações foi resultado de pressões populares em Porto Rico, tendo sido comemorados à época pela população local devido à oposição à militarização da ilha. Em agosto de 2025, o governo Trump anunciou a

mobilização de navios de guerra rumo ao sul do Caribe, com o objetivo de combater o narcotráfico proveniente de cartéis venezuelanos ([Boletim 219](#)).

Com isso, ao menos cinco aviões de combate “F-35” da Marinha dos EUA aterrissaram em Roosevelt Roads, a fim de apoiar a mobilização estadunidense, o que levou à reativação da base, acompanhada de exercícios anfíbios conduzidos pelos fuzileiros navais, visando ao adestramento das forças do Comando Sul dos EUA (SOUTHCOM, na sigla em inglês). Em resposta, ocorreram marchas populares em Porto Rico e em diversos estados dos EUA, nas quais comunidades porto-riquenhas reivindicaram a independência da ilha e o encerramento das operações militares. Movimentos populares e líderes de partidos locais criticam a remilitarização, argumentando que ela aprofunda o domínio colonial dos EUA sobre Porto Rico e ameaça a estabilidade regional.

Portanto, as operações militares na ilha evidenciam a importância estratégica de Porto Rico para os EUA, especialmente no contexto da projeção de poder naval no Caribe. Apesar das grandes mobilizações populares em defesa da independência e das críticas constantes à presença militar, os interesses estratégicos estadunidenses continuam prevalecendo, evidenciando que o governo da ilha não garante soberania frente às decisões de Defesa de Washington.



A Grande Represa do Renascimento Etíope e o paradigma moderno da segurança hídrica

Luísa Barbosa Azevedo

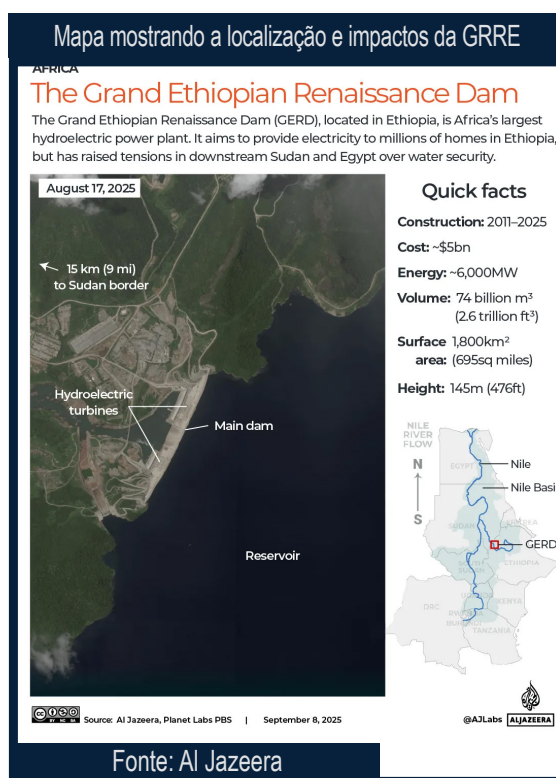
Em 09 de setembro de 2025, a Etiópia inaugurou a Grande Represa do Renascimento Etíope (GRRE), a maior hidrelétrica do continente africano. Iniciada em 2011, a construção da GRRE esteve marcada por controvérsias relacionadas à gestão de recursos hídricos, com potencial de afetar os 11 países da Bacia do Rio Nilo ([Boletim 167](#)). Os países a jusante do rio, Egito e Sudão, se baseiam no Direito Internacional das Águas e expressam preocupações quanto aos impactos à sua segurança hídrica. Para a Etiópia, a GRRE representa um projeto nacional fundamental para o desenvolvimento socioeconômico e a consolidação de sua influência regional. Assim, questiona-se: como a disputa sobre a gestão dos recursos hídricos do Nilo Azul, catalisada pela GRRE, reflete os interesses econômicos e de segurança da Etiópia e do Egito?

A Bacia do Rio Nilo abrange cerca de 10% do território continental da Etiópia e abriga em suas margens aproximadamente 280 milhões de pessoas, com dois afluentes principais: o Nilo Branco, originário do Lago Vitória, em Uganda, e o Nilo Azul, do Lago Tana, na Etiópia. O direito de uso das águas na bacia remonta a tratados firmados ainda na era colonial entre a Grã-Bretanha, o Egito e o Sudão, tendo o Tratado de Águas do Nilo de 1959 determinado cotas de 66% das águas para o Cairo e 22% para Cartum. A exclusão de países a montante do Nilo, como a Etiópia, dificulta as negociações quanto ao direito às águas. Desde o início da construção da GRRE, o Egito tem recusado acordos

de cooperação baseados no uso equitativo dos recursos, alegando unilateralidade de Adis Abeba na operação da represa e riscos à sua soberania nacional ([Boletim 146](#)).

A Etiópia carece de um sistema energético moderno e acessível para atender às demandas decorrentes do crescimento demográfico e da industrialização. A GRRE representa mudança fundamental na matriz energética etíope, historicamente dependente de hidrelétricas, energia por biomassa e importação de combustíveis fósseis. O projeto reflete as ambições etíopes de desenvolvimento econômico, segurança energética e ampliação da influência regional, com foco na integração econômica. Assim, o desenvolvimento de infraestrutura energética é evocado como símbolo da resiliência nacional, com impactos sociais e geoestratégicos, sobretudo pela exportação de energia a países vizinhos.

Em contexto de mudanças climáticas e crescente demanda de alimentos e águas para países em desenvolvimento, as controvérsias sobre a gestão de recursos hídricos no Nilo Azul tornam-se um paradigma moderno para a segurança hídrica. Desse modo, a interferência de atores exógenos ao contexto africano pode dificultar novos acordos entre os países. Assim, a GRRE transcende o papel de projeto transformador do cenário energético etíope, ao mesmo tempo que intensifica tensões históricas sobre a segurança hídrica dos países da Bacia do Rio Nilo.



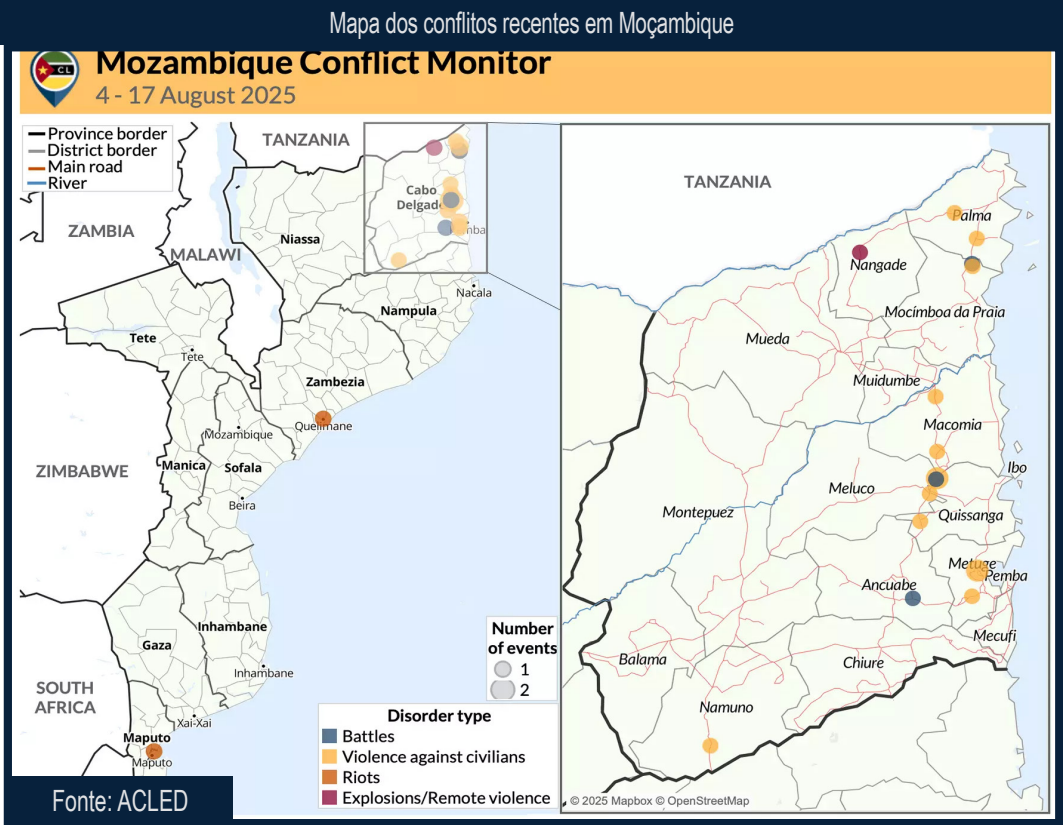
Desde 01 de setembro de 2024, a Missão de Assistência Militar da União Europeia em Moçambique (EUMAM MOZ, na sigla em inglês) tem se consolidado como uma parceria estratégica entre a União Europeia e as Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM). A missão foi lançada como resposta ao avanço da insurgência armada em Cabo Delgado (Boletim 114) e à necessidade de capacitar as FADM. Nos últimos anos, Moçambique tem enfrentado desafios graves de segurança, incluindo ataques frequentes de grupos armados na região de Cabo Delgado, deslocamento forçado de civis e destruição de infraestrutura básica, gerando uma crise humanitária complexa. Nesse contexto, cabe questionar: de que forma a EUMAM MOZ, em seu primeiro ano de atuação, contribuiu para o fortalecimento das capacidades militares e institucionais de Moçambique diante dos desafios de segurança em Cabo Delgado?

A missão evoluiu a partir da Missão de Treinamento da União Europeia em Moçambique (EUTM Moçambique), transformando-se em um modelo de assistência multidimensional que busca combinar treinamento e mentoria às Forças de Reação Rápida (QRF, na sigla em inglês), preparando-as para operar de maneira eficaz no combate às ameaças locais, especialmente em Cabo Delgado. Durante esse primeiro ano, foram implementados cerca de 16 programas distintos de capacitação em cooperação com as FADM, envolvendo

mais de 500 militares moçambicanos. Um dos pilares desse processo é o programa *train-the-trainers* (“treinar os instrutores”), que prepara instrutores moçambicanos para que mantenham ciclos de treinamento sustentáveis.

Além do âmbito militar, a missão também atua no fortalecimento da cooperação em saúde. Assim, há o intercâmbio técnico-científico e a promoção de suporte médico qualificado aos militares, bem como a realização de palestras e debates sobre desafios emergentes, como doenças relacionadas à alimentação, o que reforça a importância da prevenção e da articulação entre especialistas civis e militares. Autoridades de ambos os países destacam que o primeiro ano foi marcado pela construção de “fundações sólidas de cooperação, profissionalismo e confiança”. Além disso, o orçamento superior a US\$ 16,2 milhões destinado à missão evidencia a ambição e o compromisso financeiro da UE com os objetivos estratégicos estabelecidos.

O horizonte para os próximos meses inclui alcançar, até junho de 2026, uma capacidade operacional sustentável das unidades QRF das FADM, observando os padrões do Direito Internacional Humanitário (DIH) e dos Direitos Humanos. Esse compromisso crescente mostra que a missão vai além do imediatismo: trata-se de construir resiliência e paz duradoura no contexto de insegurança, especialmente em regiões como Cabo Delgado.



Uma política francesa polarizada: o que esperar do futuro?

Rafaela Caporazzo

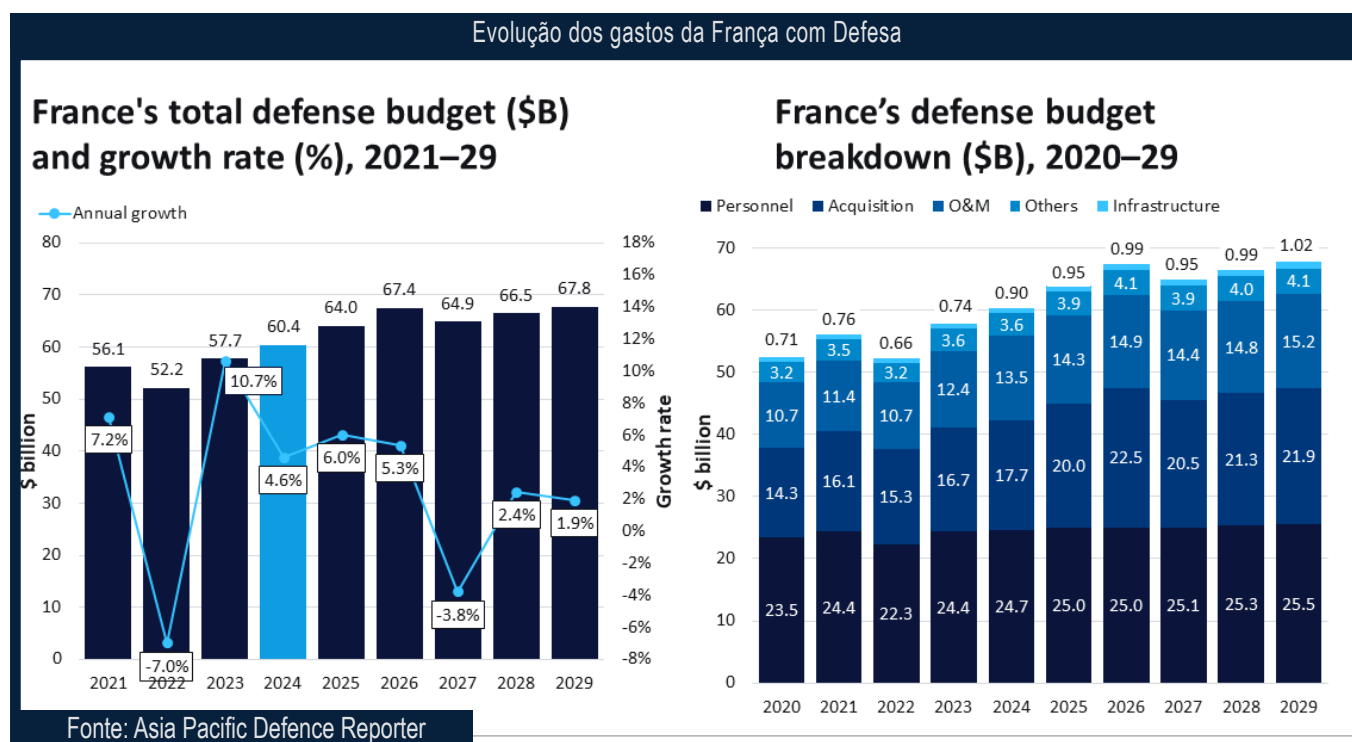
Em julho de 2024, após a extrema-direita conquistar 40% dos votos franceses nas eleições parlamentares da União Europeia (UE), o presidente Emmanuel Macron dissolveu o Parlamento da França e convocou eleições legislativas antecipadamente, o que gerou diversas incertezas e, como resultado, intensificou a polarização política ([Boletim 205](#)). Na última semana, Sébastien Lecornu, primeiro-ministro francês, renunciou ao cargo após menos de um mês de mandato, poucas horas após o gabinete de Macron divulgar uma nova composição de governo. Segundo o premiê, sua renúncia foi motivada pela intransigência dos partidos políticos do país. Após o ocorrido, no dia 10 de outubro, Macron convocou os líderes de todos os partidos políticos — exceto o Rassemblement National (RN), de extrema-direita, e o La France Insoumise, de orientação esquerda radical — para definir o sétimo premiê de seu mandato. Como resultado, o Palácio do Eliseu informou a renomeação de Lecornu, que ficou encarregado de formar um novo gabinete. Diante desse cenário, como essa instabilidade política reflete o futuro político da França e seus gastos em Defesa?

A decisão de Macron de antecipar as eleições parlamentares aprofundou a fragmentação do parlamento, resultando em sucessivas crises governamentais e na quase paralisa do processo de formulação de políticas públicas.

A crise política da França tem gerado preocupação em toda a Europa, e a relação dívida/PIB do país continua sendo uma das mais altas da União Europeia (UE), quase o dobro do limite de 60% estabelecido pelo bloco.

Dessa forma, a instabilidade política e econômica ameaça a promessa do país de ampliar os gastos em Defesa. Em julho deste ano, Macron anunciou que a França elevaria o orçamento destinado ao setor para US\$ 86 bilhões até 2027. A proposta foi apresentada poucas semanas após os aliados da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) se comprometerem a aumentar os gastos militares para 5% do PIB. Apesar das divergências entre os partidos, o orçamento para 2026 precisa ser definido nas próximas semanas, em paralelo à lei de programação militar de 2024-2030, que prevê a aplicação dos novos recursos. No entanto, a aprovação dessa proposta ainda depende de votação no parlamento, em um cenário de intensa fragmentação e incerteza política.

Assim, constata-se que os novos impasses na política francesa colocam em risco o avanço dos investimentos em Defesa, podendo enfraquecer a atuação da OTAN e o conflito com as regras fiscais restritivas da UE, situação que posiciona a França em cenário atípico de maior instabilidade às vésperas da próxima eleição presidencial.



A proposta de paz de Trump para Gaza e seus resultados

Eduardo El-Hader Fantini

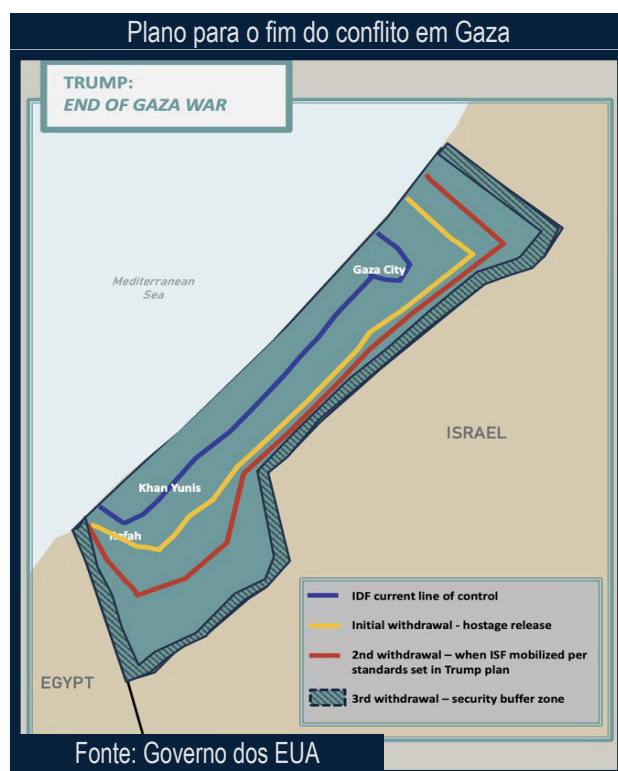
No final de setembro, o presidente estadunidense Donald Trump apresentou seu plano de paz para encerrar o conflito em Gaza. A proposta foi bem recebida, tanto pelo Ocidente quanto pelos países árabes e muçulmanos, resultando na abertura de negociações entre Israel e Hamas em Sharm el-Sheikh, no Egito. O processo contou com a mediação do Catar, do Egito, dos Estados Unidos da América e da Turquia. O confronto em Gaza teve reverberações em todo o Oriente Médio e sua possível resolução poderá redefinir toda a dinâmica de poder na região. Portanto, é fundamental compreender os principais pontos da proposta de paz de Trump, o andamento das negociações entre as partes e as possíveis consequências para o Oriente Médio.

A Casa Branca divulgou uma proposta de paz com 20 pontos, que combinam medidas de cessar-fogo imediato, troca de prisioneiros palestinos e reféns israelenses, desmilitarização de Gaza e do Hamas, bem como a retirada gradual das Forças de Defesa de Israel da Faixa de Gaza, assim como a concessão de anistia a combatentes do Hamas. Entre os pontos que mais chamaram atenção está a proposta de arranjo administrativo: a criação de um comitê tecnocrata palestino — sem participação do Hamas — sob supervisão de Donald Trump e do ex-premiê britânico Tony Blair, o que causou surpresa na comunidade internacional. Diversos países e atores internacionais, incluindo Israel e Estados majoritariamente árabes e

muçulmanos, receberam a proposta de forma otimista, levando ao início das negociações. Vale ressaltar que o Hamas respondeu à Casa Branca de forma relativamente positiva, mas relutando quanto à sua ausência no processo político de reconstrução de Gaza.

A primeira fase do cessar-fogo baseado na proposta de Trump foi alcançada em 08 de outubro de 2025, com previsão de repatriação dos reféns israelenses. Porém, as negociações que levaram à sua implementação demonstram o desgaste entre as partes envolvidas no conflito em Gaza. O elevado número de mortes de civis palestinos decorrentes dos ataques israelenses gerou um isolamento internacional para Israel, que, somado à dificuldade de resgatar os últimos reféns, debilitou sua posição no conflito. Para o Hamas, seu enfraquecimento militar e a morte de seus principais líderes resultaram em uma derrota tática. Contudo, ainda permanece a questão entre Israel e o Irã — o ator central do chamado “Eixo da Resistência” não foi completamente neutralizado, mesmo após o enfraquecimento do Hamas, do Hezbollah no Líbano e a queda de al-Assad na Síria.

O cessar-fogo pode ser uma demonstração do desgaste das partes envolvidas no conflito, mas também um sinal para a reorganização da balança de poder regional. Portanto, ele não significa necessariamente o fim da insegurança regional no Oriente Médio, mas pode marcar uma mudança no eixo dos confrontos e na configuração das alianças regionais.



DOI 10.21544/2446-7014.n221. p10.

Minas e caça-minas: ameaças à navegação no Mar Negro

Gastão Menescal Carneiro Neto

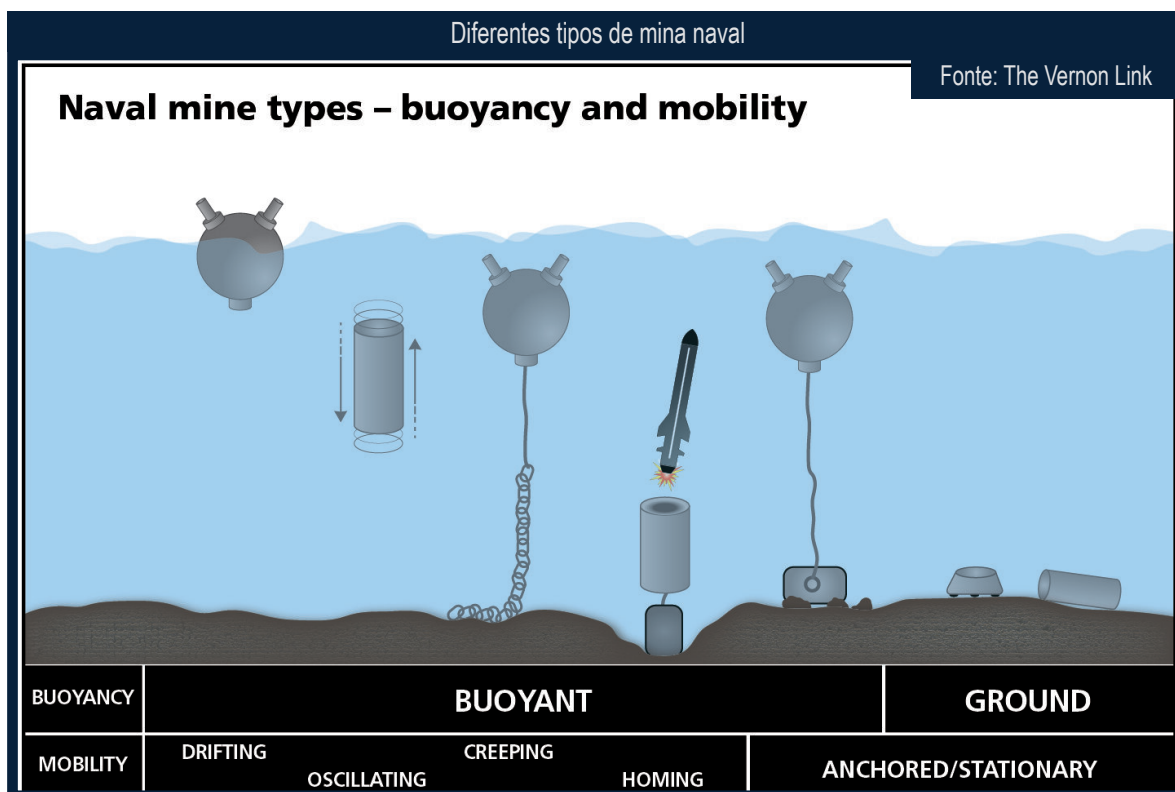
Diante do impasse em terra, o conflito russo-ucraniano passa a disseminar seus impactos nas águas do Mar Negro. Ao longo da história militar, a minagem ofensiva atestou-se como tática eficiente para a negação do uso do mar a uma potência adversária e uma ameaça à navegação neutra. Assim, por sua extensão e profundidade, o Mar Negro comprovou-se propício à batalha de minas. Desde 2022, militares ucranianos começaram a posicionar minas estrategicamente na costa do país para dissuadir operações anfíbias russas. Em 2023, a Casa Branca acusou a Rússia de ter lançado centenas de explosivos flutuantes em portos ucranianos, com o objetivo de sufocar o comércio externo. Com a multiplicação dos riscos à navegação, os países da região cooperam para enfrentar a ameaça dos artefatos. Desse modo, o que esperar dessa iniciativa?

Desde o início da conflagração militar, ao menos doze embarcações foram danificadas por minas flutuantes ou de fundo no Mar Negro, metade delas portando bandeiras não beligerantes. Alguns desses dispositivos foram localizados a grandes distâncias da zona de combate, conduzidos por correntes marítimas até litorais neutros na margem oeste, chegando até o Estreito de Bósforo, na extremidade sul. O aumento dos incidentes levou as Marinhas da Bulgária, Romênia e Turquia à formação do Grupo Naval de Contramedidas contra Minas no Mar Negro (MCM Black Sea, na sigla em inglês) em 2024,

uma força-tarefa apoiada pela Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) para suprimir os campos minados. Desde a sua criação, o MCM Black Sea reivindica a desativação de mais de uma centena de minas.

Enquanto aumentam as tensões entre Rússia e OTAN nas regiões Ártica e Báltica, e o confronto russo-ucraniano se arrasta sem perspectiva de conclusão, a Aliança Atlântica expande forças no Mar Negro. Em setembro de 2025, o Reino Unido ofereceu um curso de formação a 45 militares da Marinha romena para integrar o MCM Black Sea, além de concluir a venda do navio caça-minas “HMS Pembroke” ao país aliado. Simultaneamente, a Bélgica e os Países Baixos anunciaram a transferência de sete navios à Marinha búlgara com o intuito de potencializar as capacidades da Aliança na região. Já o Ministro da Defesa romeno, ao descrever o Mar Negro como um campo de batalha para os russos, comunicou a intenção de ampliar o escopo do MCM Black Sea, que além das operações de desminagem, passaria a patrulhar instalações energéticas e rotas comerciais, antecipando-se a possíveis ataques russos.

Por conseguinte, compreende-se que a ampliação das operações do MCM Black Sea, mais do que um reforço da segurança regional, deve conduzir a um aumento das tensões entre a OTAN e a Rússia nessa zona geográfica e, portanto, à continuidade dos riscos à navegação nas águas do Mar Negro.



Novos submarinos não-tripulados "XXL" no Mar do Sul da China: inovações e implicações

Júlia Fróes

Em setembro de 2025, a Marinha do Exército de Libertação Popular da China (PLAN, na sigla em inglês) transferiu dois submarinos não-tripulados do tipo “*Extra-Extra Large*” (XXL, na sigla em inglês) — considerados os maiores do mundo, com mais de 40 metros de comprimento — para a ilha de Hainan, no Mar do Sul da China. Esses veículos subaquáticos, desenvolvidos sob sigilo, representam um salto tecnológico na guerra naval autônoma e causam inquietações no âmbito da segurança. Nesse sentido, quais são as implicações estratégicas da presença dessas embarcações no MSC para a segurança regional e os interesses geopolíticos da China?

Os submarinos XXL são operados a partir de docas flutuantes em Yinggezui e Gangmen — próximas à base naval de Sanya, onde a China concentra seus navios-aeródromos e submarinos nucleares. Sua dimensão, cerca de 10 a 20 vezes superior à dos modelos europeus, confere-lhes capacidades avançadas: sensores de sonar comparáveis aos de submarinos convencionais, possível armamento modular — como torpedos pesados —, e maior autonomia ampliada por sistemas de propulsão elétrica ou diesel. Ademais, a ausência de tripulação possibilita missões de longo prazo em águas contestadas, reduzindo

riscos humanos e aumentando a duração da operação.

Esse avanço integra-se à estratégia chinesa para o Mar do Sul da China, uma região crítica para rotas comerciais marcada por disputas territoriais. Assim, a implantação de submarinos autônomos reforça as capacidades de vigilância e dissuasão do país, complementando outros investimentos militares, como o navio-aeródromo de catapulta eletromagnética “Fujian” e os caças furtivos “J-35”. Além disso, Pequim tem integrado inovações marítimas em sua política de segurança, como portos autônomos e navios inteligentes, destacando a dualidade entre desenvolvimento econômico e expansão militar.

A crescente presença chinesa no Mar do Sul da China, agora potencializada por esses submarinos, evidencia uma combinação de inovação tecnológica e estratégia geopolítica. Embora a China ainda enfrente desafios em termos de experiência operacional comparada aos Estados Unidos da América, seus investimentos em sistemas não-tripulados indicam uma tentativa de compensar lacunas por meio da superioridade tecnológica. Assim, a era dos submarinos XXL pode redefinir não apenas o futuro de conflitos submarinos, mas também o equilíbrio de poder nos oceanos.



Sir Creek: reflexos da Operação “Sindoor”

Eduardo A. Manguiera

Entre abril e maio de 2025, Índia e Paquistão protagonizaram mais um capítulo de suas disputas históricas: ataques paquistaneses na região da Caxemira provocaram retaliações indianas, em uma ação denominada Operação “Sindoor” ([Boletim 213](#)) contra supostas infraestruturas terroristas. Posteriormente, os países concordaram com um cessar-fogo. Contudo, recentemente ocorreu uma nova escalada de tensões, dessa vez, motivada pelo controle de vias fluviais e marítimas em torno da fronteira disputada desde 1914 no rio Sir Creek, que possui 96 km de extensão e situa-se em uma área pantanosa que desemboca no Mar Árábico.

Na última semana, o Ministro da Defesa indiano, Rajnath Singh, afirmou que qualquer agressão paquistanesa no local motivaria uma resposta “tão forte que mudaria a história e a geografia da região”, aludindo também à possibilidade de uma invasão a Karachi, uma das maiores e mais importantes cidades do Paquistão, localizada a 200 km de Sir Creek. À luz das consequências da Operação “Sindoor”, como compreender a importância dessa região para o equilíbrio do Sul da Ásia?

Este rio divide a região de Kutch, hoje pertencente à Índia, e a província de Sindh, atualmente paquistanesa, que disputam esse território que estava sob domínio do Raj Britânico. Após a independência, a questão voltou à tona, uma vez que a Índia afirma que a fronteira deve ser traçada no meio de um canal navegável — com base no princípio Thalweg —, enquanto o Paquistão reivindica a

totalidade do riacho, por se tratar de um pântano não navegável. Além de uma grande importância econômica para as populações pesqueiras da região, afirma-se que a região possui reservas não exploradas de petróleo, afetando diretamente a delimitação das respectivas Zonas Econômicas Exclusivas.

A assimetria bélica evidente, estabelecida desde a Operação “Sindoor”, motiva o Paquistão a aprofundar sua parceria estratégica com a China para se contrapor militarmente à Índia. Um resultado disso é o aumento expressivo da infraestrutura bélica paquistanesa em Sir Creek, notado após os conflitos de maio de 2025 na Caxemira. Ademais, a assinatura de uma Aliança militar com a Arábia Saudita é um fator complicador, tendo em vista a proximidade indo-saudita, marcada por fortes laços comerciais mais expressivos.

Como tal, aponta-se que o cessar-fogo firmado meses atrás, longe de indicar o fim de hostilidades, apenas acarretou uma mudança de foco. Agora, a partir de Sir Creek, é provável que conflitos ao longo da fronteira tornem-se cada vez mais frequentes. A aliança saudita-paquistanesa coloca a Arábia Saudita diante de um dilema: escolher entre suas parcerias militares e econômicas, ou a oportunidade de atuar como mediadora. Desse modo, a região consolida-se como um ponto focal para o futuro do equilíbrio geopolítico da região.



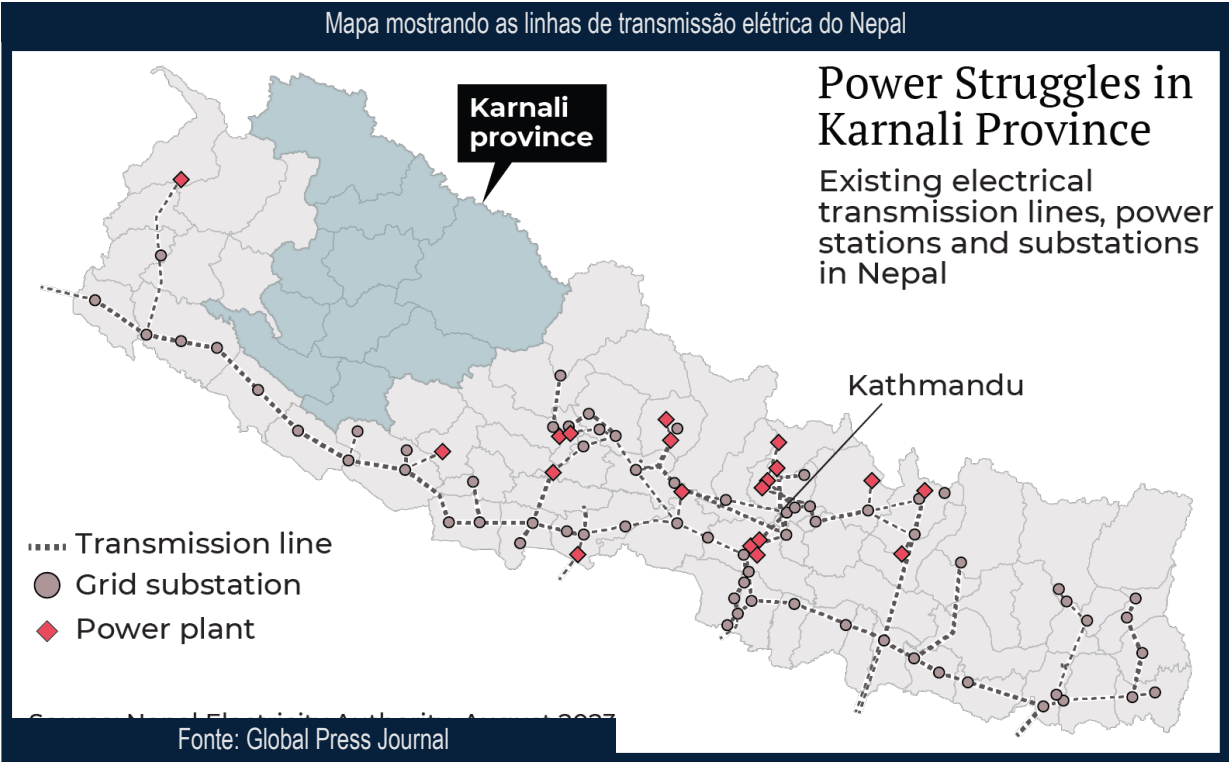
A segurança energética tem se destacado entre os principais eixos das análises internacionais contemporâneas, em razão do rápido aumento do consumo global de energia. Tal crescimento é impulsionado, sobretudo, pela eletrificação e digitalização das economias emergentes, e no Sul da Ásia essa tendência não poderia ser diferente. Em Bangladesh, o consumo total de energia cresce, em média, 4% ao ano. No Butão, o governo projetou em 2024 que a demanda interna por eletricidade aumentará 232% até 2026, impulsionada pela instalação de novas indústrias de alto consumo energético. Já na Índia, o consumo de eletricidade aumenta cerca de 5% ao ano desde 2015, e as projeções da Agência Internacional de Energia indicam um acréscimo médio anual de 6,3% nos próximos três anos. Nesse contexto de expansão da demanda e vulnerabilidade energética, o Nepal surge como um ator estratégico, com potencial para fomentar a integração regional.

A geografia do Nepal, marcada por uma abundância de rios e desníveis, confere ao país um dos maiores potenciais hidrelétricos da Ásia — potencial que materializa-se em uma capacidade instalada crescente. Em 2024, a geração hidrelétrica alcançou 2.991 MW, correspondendo a aproximadamente 95% de toda a capacidade energética instalada, e o governo de Katmandu planeja elevar esse número para 10.000

MW até o ano fiscal de 2028/2029.

Ainda que persistam oportunidades de desenvolvimento do setor, o Nepal já tornou-se exportador sazonal de energia, dado que a geração excedente durante a estação chuvosa permite o fornecimento de eletricidade a países vizinhos. Essa condição motivou, em 2024, a assinatura de um acordo entre Nepal e Índia, estabelecendo a meta de exportar 10.000 MW de eletricidade para o mercado indiano ao longo da próxima década. Já em junho de 2025, o país deu mais um passo ao iniciar exportações para Bangladesh, utilizando a rede elétrica indiana como corredor de transmissão — um feito viabilizado por um acordo trilateral firmado em 2024 entre os três países.

Superando uma trajetória de dependência energética, o Nepal emerge como um *player* central na cooperação e integração energética sul-asiática. Nesse sentido, os acordos recentes institucionalizam a transmissão transfronteiriça de energia e projetam novas oportunidades para o comércio e cooperação política. Contudo, transformar esse potencial em um comércio energético de larga escala, consolidando os marcos governamentais e expandindo os corredores energéticos, exigirá enfrentar os entraves geopolíticos, desafios regulatórios e as limitações de infraestrutura que ainda afetam a região.



Indonésia e os crescentes investimentos em Defesa

Gabriela Veloso

Desde que o então Ministro da Defesa, agora presidente indonésio, Prabowo Subianto assumiu o governo, o país tem investido pesadamente em Defesa. A Indonésia atravessa, atualmente, a reestruturação militar mais abrangente de sua história desde o regime de Suharto (1968-1998). Essa transformação estrutural é impulsionada por uma combinação de fatores internos e externos: por um lado, as pressões geopolíticas regionais, sobretudo no Mar do Sul da China; por outro, a necessidade de modernização tecnológica e de fortalecimento da presença estatal em áreas periféricas do arquipélago.

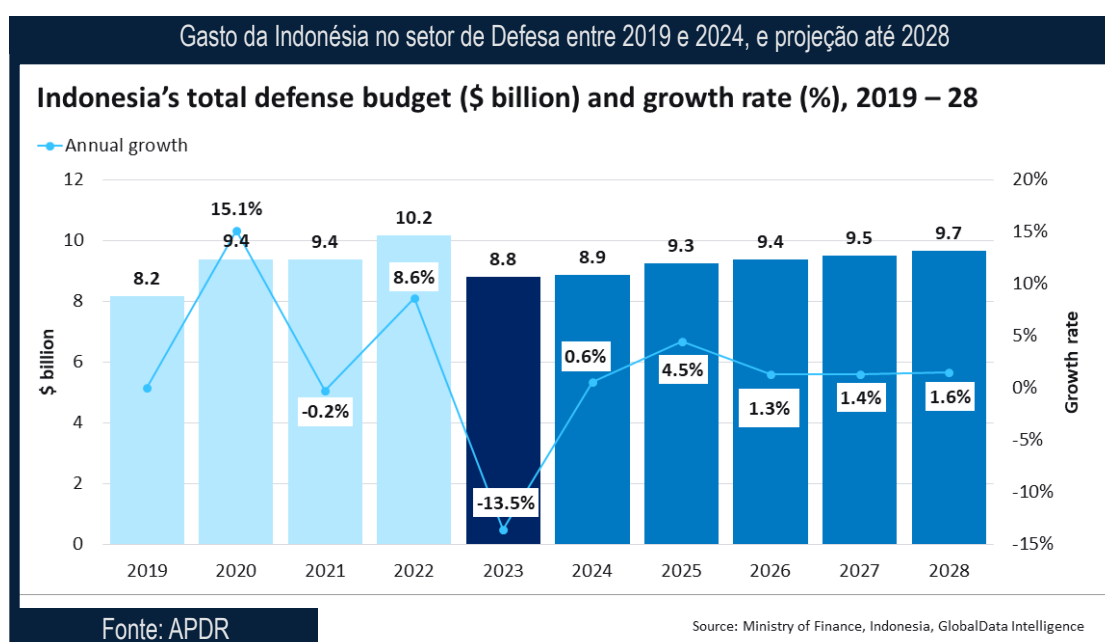
O ponto central dessa agenda é a construção de uma Defesa nacional forte e autônoma, como o próprio Prabowo tem reiterado em diversos discursos. Em sua visão, o mundo torna-se cada vez mais instável, exigindo que a Indonésia se equipe adequadamente para proteger sua soberania — sem, contudo, adotar alinhamentos externos rígidos.

Historicamente, a Indonésia investiu pouco em Defesa, concentrando seus recursos quase exclusivamente no Exército, em detrimento da Marinha e da Força Aérea. Essa lógica começou a ser rompida a partir de 2019, quando a agenda de aquisições estratégicas foi revigorada, priorizando plataformas navais e aéreas com elevado grau tecnológico. O objetivo central era claro: reduzir a dependência de meios ultrapassados e dotar as Forças Armadas de capacidades compatíveis com os desafios contemporâneos.

Prabowo conduz, desta forma, a mais ambiciosa modernização militar da Indonésia em décadas, com

uma carteira de aquisições que inclui 42 caças “Rafale”, aeronaves de transporte “Super Hercules” e “A400M”, dois submarinos da Classe “Scorpène”, mísseis antinavio, novos radares e embarcações de patrulha — substituindo equipamentos obsoletos, como caças “F-16” e navios da década de 1960. Paralelamente, o governo criou mais de 20 novos comandos regionais para reforçar a presença estatal em áreas estratégicas, a exemplo de Papua e as Ilhas Natuna. Essa transformação foi viabilizada por um aumento orçamentário de quase 50%, com os gastos de capital superando os de pessoal pela primeira vez. Além disso, a nova centralização da gestão de aquisições sob o Ministério da Defesa reduziu a autonomia das forças singulares e conferiu maior coerência no planejamento da força nacional.

Com isso, a Indonésia insere-se na corrida armamentista global, ao mesmo tempo que busca projetar-se regionalmente como uma potência bélica. Essa iniciativa ocorre em resposta a outras ações locais de cooperação militar e investimentos no setor — a exemplo do recém-assinado acordo de Defesa entre Papua-Nova Guiné e Austrália, importantes atores de seu entorno estratégico. Dessa forma, a consolidação dos investimentos em Defesa pode permitir que o país se torne uma figura cada vez mais relevante no contexto da segurança regional asiática, para além das iniciativas e fóruns político-diplomáticos tradicionais.



- ▶ [European Military Autonomy: What Comes First?](#)
IISS, Barry R. Posen
- ▶ [The Kremlin can Afford the Luxury of a Second Anti-NATO Front](#)
RUSI, David Roche
- ▶ [The Battleship Continues to Haunt the US Navy](#)
THE NATIONAL INTEREST, James Holmes
- ▶ [How Russia Recovered: What the Kremlin Is Learning From the War in Ukraine](#)
FOREIGN AFFAIRS, Dara Massicot
- ▶ [Saudi Arabia's Nuclear Temptations. Lessons Learned from Regional Instability](#)
INSTITUTO FRANCÊS DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS, Nour Eid

CALENDÁRIO GEOCORRENTE

Por: Rafaela Machado

OUTUBRO

Principais eventos de 19 de outubro até 21 de novembro

19  BOLÍVIA SEGUNDO TURNO DAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS	20-31  AUSTRÁLIA REUNIÃO DA COMISSÃO PARA PRESERVAÇÃO DOS RECURSOS MARINHOS ANTÁRTICOS	25  BÓSNIA E HERZEGOVINA REFERENDO POPULAR	26  ARGENTINA ELEIÇÕES LEGISLATIVAS
26-28  MALÁSIA 47ª CÚPULA DA ASEAN	30-01*  COREIA DO SUL REUNIÃO DOS LÍDERES ECONÔMICOS DA APEC	07*-12*  ESTÔNIA EXERCÍCIO DA OTAN "CYBER COALITION 25"	10*-21*  BRASIL COP30

* de Novembro

* de Novembro

* de Novembro

Corredor bioceânico Brasil-Peru: de Ilhéus à Chancay
[Brasil e China assinam memorando para produção de estudos sobre sistema de transporte integrado no país](#). Gov.br, 07 jul. 2025. Acesso em: 23 set. 2025.

YAN, He. [Challenges In The Development Of The South American Bio-Oceanic Railway – Analysis](#). Eurasia Review, 10 jun. 2025. Acesso em: 25 set. 2025.

Porto Rico: entre o poder naval dos EUA e o anseio por soberania

[Cinco aviones de combate de la Marina de EEUU arribaron al país para sumarse al reforzamiento del despliegue militar en el Caribe](#). Nodal, 15 set. 2025. Acesso em: 09 out. 2025.

[EUA realizam exercícios militares em Porto Rico em meio à tensão com Maduro](#). CNN, 01 set. 2025. Acesso em: 9 out. 2025.

A Grande Represa do Renascimento Etíope e o paradigma moderno da segurança hídrica

MUREITHI, Carlos. [Ethiopia inaugurates Africa's largest hydroelectric dam as Egypt rift deepens](#). The Guardian, 09 set. 2025. Acesso em: 10 out. 2025.

MBAKU, John Mukum. [Ethiopia's mega dam has taken 14 years to build: what it means for the Nile's 11 river states and why it's so controversial](#). The Conversation, 08 set. 2025. Acesso em: 10 out. 2025.

Um ano de cooperação europeia e resiliência militar em Moçambique

[Missão de Assistência Militar da União Europeia ajuda a capacitar mais de 500 tropas no primeiro ano de operações em Moçambique](#). Serviço Europeu para a Ação Externa, 1º de setembro de 2025. Acesso em: 27 de setembro de 2025.

[EUMAM MOZ marca um primeiro ano bem-sucedido](#). DefenceWeb, 8 de setembro de 2025. Acesso em: 27 de setembro de 2025.

Uma política francesa polarizada: o que esperar do futuro?

KAYALI, Laura. [France's political crisis risks delaying military buildup](#). Político, 04 set. 2025. Acesso em: 08 out. 2025.

KHATSENKOVA, Sophia. [Against the wall: France's president increasingly isolated as political crisis deepens](#). Euro News, 07 out. 2025. Acesso em: 08 out. 2025.

A proposta de paz de Trump para Gaza e seus resultados

QUILLEN, Stephen. [Israel confirms signing phase one of Gaza ceasefire deal with Hamas](#). Al Jazeera, 09 out. 2025. Acesso em: 09 out. 2025.

SEIFF, Abby. [Trump proposes 20-point plan to end war in Gaza](#). Al Jazeera, 29 set. 2025. Acesso em: 09 out. 2025.

Minas e caça-minas: ameaças à navegação no Mar Negro

[Romanians ready for Black Sea mission after training with Royal Navy](#). Royal Navy News, 25 set. 2025. Acesso em 01 out. 2025.

[Belgium and the Netherlands to transfer seven ships to the Bulgarian Navy for mine warfare in the Black Sea](#). Zona Militar, 27 set. 2025. Acesso em 01 out. 2025.

Novos submarinos não-tripulados "XXL" no Mar do Sul da China: inovações e implicações

BOHNERT, Michael. [Uncrewed Systems and Naval Warfare: A Paradigm Shift?](#). RAND Corporation, 09 out. 2025. Acesso em: 11 out. 2025.

[China's Maritime Militarization in the South China Sea](#). Institute for Security & Development Policy, jun. 2016. Acesso em: 08 out. 2025.

Sir Creek: Reflexos da Operação "Sindoor"

PERI, Dinakar. [Military Lessons from Operation Sindoor](#). Carnegie India, 06 out. 2025. Acesso em: 9 out. 2025.

LATEEF, Samaan. [Pakistan warns of new war with India after 11 soldiers killed](#). The Telegraph, 09 out. 2025. Acesso em: 10 out. 2025.

O Nepal e a segurança energética sul-asiática: perspectivas de integração regional

[Nepal Has the Opportunity to Become a Regional Energy Hub: Kulman Ghising](#). Spotlight Nepal, 30 ago. 2025. Acesso em: 11 out. 2025.

Indonésia e os crescentes investimentos em Defesa

[Indonesia's military reorganisation is its biggest this century](#). ASPI Institute, 11 set. 2025. Acesso em: 11 out. 2025.

[Indonesia Military Expenditure](#). Trading Economics. Acesso em: 11 out. 2025.

O Tabuleiro Ártico: A Nova Rota "Expresso Ártico China-Europa" e a Disputa pelo Poder Marítimo

[World's First China-Europe Arctic Express Launched, Cutting Transit Time To 18 Days](#). Marine Insight, 24 set. 2025. Acesso em: 11 out. 2025.

[China launches first Arctic container service to Europe](#). Sea Trade Maritime, 24 set. 2025. Acesso em: 11 out. 2025.

O mapa inicial (pág 04) do Boletim foi produzido pelo MapChart e segue as diretrizes da Creative Commons.

Os valores em moeda expressos neste Boletim estão padronizados em Dólar Estadunidense, utilizando a conversão do Banco Central do Brasil, no dia da publicação desta edição.

O mapa intitulado “Principais Riscos Globais”, exposto na página 04 deste Boletim, foi elaborado pelos integrantes do Núcleo de Avaliação da Conjuntura da Escola de Guerra Naval. Os critérios utilizados para analisar os fenômenos internacionais e determinar quais devem constar no mapa se baseiam na relevância destes para o Brasil, sendo eles: presença de brasileiros residentes na região, influência na economia brasileira e o impacto no Entorno Estratégico brasileiro. Os parâmetros para categorização dos riscos seguem os interesses dos membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas, relevância dos atores envolvidos, repercussão internacional, impacto regional e a possibilidade da escalada de tensões. Após a seleção

dos fenômenos, estes podem ser categorizados em alto risco (vermelho), quando avalia-se grande instabilidade social, política, militar ou econômica; e também, em médio risco (laranja), para principais situações de agravamento de riscos observados. Os países em cinza representam conflitos monitorados; caso tenha agravamento do risco, este passa a ser vermelho ou laranja.

As análises são refeitas a cada edição do Boletim, com o objetivo de reavaliar e atualizar as regiões demarcadas, bem como a cor utilizada em cada um. Desta forma, são sempre observados os principais fenômenos, distribuídos em alto e médio risco. Abaixo, encontram-se *links* sobre os riscos apontados no mapa:

Por: Matheus Moreira

► ALTO RISCO:

•HAITI - Conflitos internos: [Child alert: Haiti's children confront a polycrisis](#). UNICEF, out. 2025. Acesso em: 13 out. 2025.

•IÊMEN - Conflito regional: [Guterres condemns detention of 10 more UN staff in Yemen | UN News](#). UN News, 07 out. 2025. Acesso em: 13 out. 2025.

•IRÃ - Conflito regional: [Iran, a Longtime Hamas Backer, Signals Support for Truce Deal With Israel](#) The New York, 09 out. 2025. Acesso em: 13 out. 2025.

•ISRAEL - Conflito regional: [Após Hamas soltar reféns e Israel começar a libertar palestinos, Trump assina cessar-fogo em cúpula no Egito](#) BBC, 13 out. 2025. Acesso em: 13 out. 2025.

•LÍBANO - Conflito regional: [Over 30 arrested in Lebanon for allegedly providing Israel with intel on Hezbollah](#) The Times of Israel, 10 out. 2025. Acesso em: 13 out. 2025.

•MADAGASCAR - Conflito interno: [Presidente de Madagascar deixa país após onda de protestos da Geração Z](#). CNN, 13 out. 2025. Acesso em: 15 out. 2025.

•MAR VERMELHO - Risco a travessia: [Ceasefire in Gaza raises hopes of Houthi pause in Red Sea attacks](#) Arab News, 10 out. 2025. Acesso em: 13 out. 2025.

•RÚSSIA E UCRÂNIA - Conflito militar: [Zelenskyy has new call with Trump amid Russian strikes on Ukraine's energy infrastructure | Euronews](#) EuroNews, 13 out. 2025. Acesso em: 13 out. 2025.

•SÍRIA - Conflito regional: [Syrian Kurdish leader says reached first deal on merging forces with regular army | Arab News](#) Arab News, 13 out. 2025. Acesso em: 13 out. 2025.

•SUDÃO - Conflito interno: [RSF drone strike kills dozens in Sudan's war-ravaged el-Fasher](#). Al Jazeera, 11 out. 2025. Acesso em: 14 out. 2025.

•VENEZUELA - Conflito sociopolítico: [María Corina Machado à BBC: 'A invasão à Venezuela já existe; o que precisamos é de uma libertação'](#). BBC, 11 out. 2025. Acesso em: 13 out. 2025.

► MÉDIO RISCO:

•AFEGANISTÃO E PAQUISTÃO - Disputa fronteira: [Paquistão e talibãs do Afeganistão se enfrentam na fronteira com dezenas de mortos dos dois lados](#). O Globo, 12 out. 2025. Acesso em: 15 out. 2025.

•BURKINA FASO - Crise sociopolítica: [Burkina Faso: des nombreux journalistes et magistrats ont été «enlevés»](#). RFI, 14 out. 2025. Acesso em: 14 out. 2025.

•CAMBOJA E TAILÂNDIA - Disputa fronteira: [Trump looking forward to Thailand-Cambodia ceasefire deal at ASEAN summit, Malaysia says](#). Reuters, 14 out. de 2025. Acesso em: 14 out. 2025.

•COLÔMBIA - Crise sociopolítica: [El Gobierno de Petro revoca la designación de Iván Márquez como negociador en los diálogos de paz](#). El País, 09 out. 2025. Acesso em: 14 out. 2025.

•EQUADOR - Crise sociopolítica: [Seis pessoas são mortas e 17 ficam feridas em ataque armado durante partida de futebol no Equador](#). Estadão, 13 out. 2025. Acesso em: 14 out. 2025.

•ESTADOS UNIDOS E VENEZUELA Crise Regional: [Venezuela alerta população sobre possíveis ameaças dos Estados Unidos](#). CNN, 09 out. 2025. Acesso em: 14 out. 2025

•GUIANA E VENEZUELA - Disputa fronteira: [Guiana apela à ONU por ameaça de anexação da Venezuela](#). CNN, 24 set. 2025. Acesso em: 29 set. 2025.

•GUINÉ - Crise sociopolítica: [Guinée: les candidatures indépendantes pour la présidentielle de décembre se multiplient](#). **RFI**, 11 out 2025. Acesso em: 14 out. 2025.

•IRAQUE - Crise regional: [Iraq criticises US sanctions on militias over ties to Iran as ‘negative precedent’](#) **The Arab Weekly**, 13 out. 2025. Acesso em: 13 out. 2025.

•MALI - Crise sociopolítica: [Mali under pressure to end fuel crisis as negotiations with jihadists stall](#). **RFI**, 10 out. 2025. Acesso em: 14 out. 2025.

•MAR DO SUL DA CHINA - Crise regional: [US condemns China over South China Sea vessel clash with the Philippines](#). **Reuters**, 13 out. 2025. Acesso em: 14 out. 2025.

•MAR MEDITERRÂNEO - Risco na rota migratória: [Hundreds of migrants rescued at sea and taken to Lampedusa - InfoMigrants](#) **InfoMigrants**, 13 out. 2025. Acesso em: 13 out. 2025.

•MIANMAR - Crise interna: [Myanmar military strikes village in glider raid, 24 die](#). **The Times of India**, 09 out. 2025. Acesso em: 14 out. 2025

•MOÇAMBIQUE - Crise interna: [Thousands flee amid renewed fighting in northern Mozambique, UN warns](#). **UN News**, 07 out 2025. Acesso em: 14 out. 2025.

•NEPAL - Crise interna: [Flash Update on the Crisis in Nepal \(8-22 September\)](#). **United Nations Population Fund**, set. 2025. Acesso em: 14 out. 2025.

•NICARÁGUA - Crise sociopolítica: [UN urges Nicaragua to account for over 120 people forcibly disappeared since 2018](#). **Reuters**, 03 out. 2025. Acesso em: 14 out. 2025.

•NÍGER - Crise sociopolítica: [Around four million people displaced across Africa’s Sahel, UN warns](#). **Al Jazeera**, 10 out. 2025. Acesso em: 14 out. 2025.

•NIGÉRIA - Crise interna: [Nigeria must rise above sectarian traps in war against terror](#). **The Guardian Nigeria**. 14 out. 2025. Acesso em: 14 out. 2025.

•REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO - Crise regional: [DR Congo: UN envoy points to ‘real hope’ for ceasefire and peace in the east | UN News](#) . **UN News**, 13 out 2025. Acesso em: 14 ago 2025.

•SOMÁLIA - Crise interna: [AU troops’ Somalia gains to drive UN Security Council talks - The EastAfrican](#) **The East African**, 08 out 2025. Acesso em: 14 out. 2025.

► EM MONITORAMENTO:

•AFEGANISTÃO - Instabilidade sociopolítica: [Afghanistan says it has killed 58 Pakistani soldiers in overnight border operations](#). **AP News**, 12 out. 2025. Acesso em: 14 out. 2025.

•ARMÊNIA E AZERBAIJÃO - Instabilidade regional: [Trump: New bonds of friendship, cooperation to join Armenia to Azerbaijan](#) **Caliber.Az**, 13 out. 2025. Acesso em: 13 out. 2025.

•BANGLADESH - Instabilidade sociopolítica: [Bangladesh’s Caretaker Government Has Reoriented Its Foreign Policy](#). **World Politics Review**, 19 set. 2025. Acesso em: 24 set. 2025.

•BOLÍVIA - Instabilidade sociopolítica: [Tribunal Eleitoral da Bolívia denuncia plano contra resultado das eleições](#). **CNN**, 07 out. 2025. Acesso em: 14 out. 2025.

•CAMBOJA E TAILÂNDIA - Disputa fronteiriça: [Trump looking forward to Thailand-Cambodia ceasefire deal at ASEAN summit, Malaysia says](#). **Reuters**, 14 out. de 2025. Acesso em: 14 out. 2025.

•COLÔMBIA E PERU - Disputa Fronteiriça: [Tropas de Colômbia e Peru chegam à Amazônia em conflito por terras](#). **Diário do Comércio**, 28 ago. 2025. Acesso em: 15 set. 2025.

•ETIÓPIA - Instabilidade interna: [Ethiopia claims Eritrea is readying to ‘wage war’ against it](#). **Al Jazeera**, 08 Out 2025. Acesso em: 14 out. 2025.

•PENÍNSULA COREANA - Instabilidade regional: [China takes steps against US-linked units of S.Korea shipbuilder Hanwha](#). **Reuters**, 14 out. 2025. Acesso em: 14 out. 2025.

•PERU - Instabilidade sociopolítica: [Por que a presidente do Peru, Dina Boluarte, foi afastada do cargo em meio a onda de violência no país](#). **BBC**, 10 out. 2025. Acesso em: 14 out.2025.

•POLÔNIA- Instabilidade regional: [Poland’s Security Chief Claims Country Is in a “State of Cyberwar” with Russia](#) - **AL24 News** **AL24 News**, 13 out. 2025. Acesso em: 13 out. 2025.

•SENEGAL - Instabilidade sociopolítica:[Senegal records 17 deaths in rare major outbreak of Rift Valley Fever](#). **Arab News**, 09 out. 2025. Acesso em: 14 out. 2025.

•SUDÃO DO SUL - Instabilidade regional: [Prosecution of South Sudan’s vice-president raises fears of return to full-scale civil war](#). **The Guardian**, 14 out. 2025. Acesso em: 14 out. 2025.

•TAIWAN - Instabilidade regional: [Taiwan flags rise in Chinese cyberattacks, warns of 'online troll army'](#). **Reuters**, 14 out. 2025. Acesso em: 14 out. 2025.